

PUC

viva

WWW.APROPUCSP.ORG.BR

PUBLICAÇÃO ACADÊMICA E INFORMATIVA

TRIMESTRAL DOS PROFESSORES DA PUC-SP

ANO 6 - Nº 24 - JULHO A SETEMBRO DE 2005

REVISTA

ISSN 1806-3667

**EDUCAÇÃO
A DISTÂNCIA**



Educação a distância

A implantação da Educação a Distância vem ganhando terreno. Quais conseqüências advirão? O número 24 da Revista PUCviva enfrenta essa discussão. Contém artigos de radicais defensores e radicais opositores, bem como de semi-defensores (ou semi-opositores). A diretoria da Apropuc considera premente confrontar posições em torno da Educação a Distância. Não se pode assimilar a substituição do ensino presencial pelo on-line como se fosse uma extensão natural das conquistas educacionais obtidas ao longo da história. Tampouco se deve tomar como assente que o ensino virtual revitalizará o ensino presencial decadente. É necessário pôr em discussão tais pressupostos. Assim, nossa revista trata de mais um tema de grande importância social.

Os defensores da Educação a Distância têm tratado o tema em várias dimensões. Procuram demonstrar sua viabilidade e inevitabilidade. A Internet completou as condições tecnológicas que faltavam para substituir o ensino presencial pelo virtual. O antigo ensino por correspondência, que se limitava a alguns cursos técnicos, agora ganha sofisticação e se amplia para a graduação e pós-graduação. O governo regulamenta a expedição de diplomas. De fato, um logro inestimável para os empresários do ensino e uma vantagem para o Estado, que faz de tudo para se livrar do ensino público.

Fundamenta-se esse fenômeno na idéia de que é uma inovadora projeção das novas tecnologias. O ensino presencial tornou-se arcaico e dispensável, assim como o professor e o aluno, vindo a Internet a salvá-lo. Abrigam-se nesse ponto de vista os mais arraigados defensores da educação de mercado e do mercado de educação.

Há aqueles que pretendem compatibilizar o ensino presencial com o virtual,

como se fosse simplesmente o uso cooperativo da tecnologia entre formas distintas (presencial e virtual) e meios distintos (pedagogia presencial e pedagogia virtual). Trata-se de uma visão conjuntural.

Os estrategistas de mercado valem-se desse meio termo para amainar o temor de que a onda on-line conduz à destruição do ensino presencial.

Os interesses econômicos são imensos. E não devemos ignorar também os ideológicos. O ensino reflete as bases materiais da sociedade e a divisão de classe. A tecnologia alcançou grande avanço, mas está na forma monopolista do capital. O fato de os Estados Unidos controlarem com mãos de ferro a Internet não faz senão mostrar o alto grau de concentração da indústria e do capital financeiro.

O ensino a distância segue a via dessa centralização. Tende a eliminar as contradições sociais do processo de ensino, as quais permitem as lutas sociais e o conflito em torno da liberdade de pensamento e ensino.

Convencidos de que a educação virtual conduz à destruição de condições sociais para a liberdade de ensino e à liquidação do trabalho do professor, tornamos a Revista PUCviva uma tribuna de confrontação de idéias e posições. Os opositores da Educação a Distância parecem raros. Sem dúvida, isso é sintomático. Estamos em uma situação de retrocesso generalizado. É bom enfrentá-la agora, para alcançarmos uma outra situação progressiva, que certamente será engendrada por meio das profundas contradições capitalistas que desumanizam o homem.

Esperamos que o embate de posições impressas na Revista PUCviva contribua para coletivizar criticamente o problema da Educação a Distância.

EXPEDIENTE

A revista PUCviva é uma publicação acadêmica e informativa trimestral dos professores da PUC-SP, editada pela Apropuc, com tiragem de 2 mil exemplares.

DIRETORIA DA APROPUC

presidente: Priscilla Cornalbas

vice-presidente: Hamilton Octavio de Souza

1^o secretário: Erson Martins de Oliveira

2^o secretário: Graciela Deri de Codina

1^o tesoureiro: Luiz Carlos de Campos

2^a tesoureira: Victória Claire Weischtordt

Suplentes: Carlos Alberto Shimote Martins, Maria Beatriz Costa Abramides, Nicola Centrone, Sandra Gagliardi Sanchez e Vera Lúcia Vieira

CONSELHO EDITORIAL: Erson Martins de Oliveira; Hamilton Octavio de Souza; Priscilla Cornalbas

EDITOR GERAL

Erson Martins de Oliveira

EQUIPE DA REVISTA

Jornalista Responsável: Ricardo Melani (MTPS 26.740)

Preparação e Revisão: Gabriel Kolyniak

Edição de Arte: Gustavo Tortelli

Criação de Capa: Ricardo Melani (a partir de foto da Agência Estado)

Fotos: Agência Estado

APROPUC-SP - Rua Monte Alegre, 984 - Sala p-70 - CEP 05014-001

Fones: 3872-2685, 3865-4914, 3670-8209 apropuc@uol.com.br • www.apropucsp.org.br

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

A revista PUCviva divulga artigos, resenhas e trabalhos de interesse científico e acadêmico que estejam dentro da linha editorial da revista e na pauta da edição.

O Conselho Editorial se reserva o direito de não publicar as propostas de publicação, caso estejam fora das orientações editoriais desse periódico.


Os textos devem ser inéditos e as colaborações devem ser enviadas com a seguinte formatação:

- a) Artigos – 11 laudas ou 14 mil caracteres;
- b) Resenhas – 5 laudas ou 7 mil caracteres;
- c) Os textos devem ser entregues em cópia em disquete e cópia impressa em papel;
- d) As propostas de publicação devem seguir as normas da ABNT.

ÍNDICE

SEÇÃO TEMÁTICA

- Educação a distância e as novas clivagens educacionais 5
Wagner Braga Batista
- O PEC – Formação Universitária: a complexidade de um processo 21
Maria Ângela Barbato Carneiro
- Educação a distância: esboço de uma análise ético-política 35
Alex Moreira Carvalho
- Prática docente e tecnologia: revisando fundamentos e ampliando conceitos .. 47
*Maria de Los Dolores Jimenez Pena; Myrtes Alonso;
Marina Graziela Feldmann; Sonia Maria Macedo Allegretti*
- Metodologia de mediação a distância: considerações preliminares 63
Lucila Pesce
- Desafios e possibilidades da atuação docente on-line 73
Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida
- Por que ampliar as atividades de educação a distância na PUC-SP? 85
Ângela Sprenger e Beatriz Scavazza
- Educação a distância; a velha e a nova escola 93
Erson Martins de Oliveira

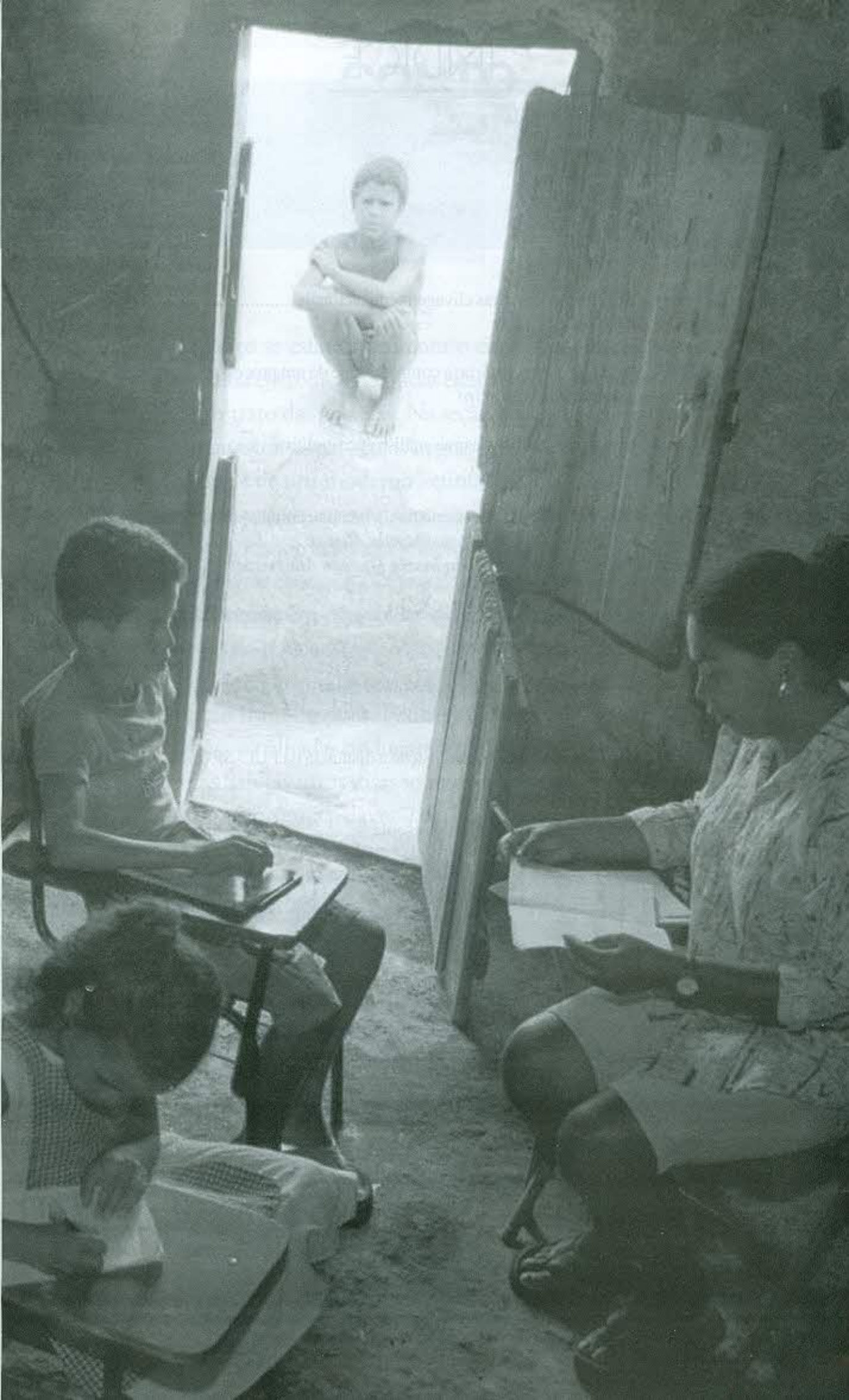


SEÇÃO NÃO-TEMÁTICA

- A cor da tinta 115
Franklin W. Goldgrub

SEÇÃO CONTO

- A máquina da salvação e da perdição da humanidade 127
Ricardo Augusto Haltenhoff Melani



EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E AS NOVAS CLIVAGENS EDUCACIONAIS

WAGNER BRAGA BATISTA

PROFESSOR DO CURSO DE DESENHO INDUSTRIAL
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

INTRODUÇÃO

O artigo examina os limites e as possibilidades da educação a distância, impulsionada pela economia de mercado e pela inspiração liberal. Aponha suas virtualidades e digressões, provocadas por um modelo de desenvolvimento socio-econômico que favorece a privatização e impõe restrições de acesso ao ensino público, gratuito e socialmente referenciado. Observa que essas digressões foram aprofundadas pela integração passiva do ensino à economia de mercado em escala mundial. Essa orientação contribuiu para que corporações transnacionais constituíssem redes de ensino de alcance global, configurando um amplo mercado educacional graças à educação a distância¹. Essa tendência afeta trajetórias históricas e a perspectiva de integração socio-econômica de países periféricos, bem como a identidade e as peculiaridades educacionais e culturais dos povos latino-americanos.

A herança do modelo ultraliberal praticado no Brasil constituiu sérias barreiras para a implementação de um projeto

educacional referenciado em demandas sociais substantivas. Esse modelo ainda subsiste como impregnação ideológica, apesar de seus evidentes fracassos políticos e econômi-

A herança do modelo ultraliberal praticado no Brasil constituiu sérias barreiras para a implementação de um projeto educacional referenciado em demandas sociais substantivas.

cos, expressos pelo aumento da dívida externa, da crise fiscal do Estado, da privatização e da desnacionalização de setores dinâmicos da economia, pela perda de capacidade de intervenção estratégica e da escalada regressiva que acelerou o empobrecimento, o desemprego, a violência e a desagregação social.

No campo da educação, o modelo ultraliberal difundiu valores que reduziram a educação a um recurso meramente instrumental. Alimentou o pressuposto de que a educação equivaleria a capital humano, êmulo do empreendedorismo, da empregabilidade e da governabilidade. Contudo, essas formulações mostram-se inconsistentes no atual contexto socio-econômico. A deterioração social e o deslocamento de atividades competitivas para patamares econômicos mais elevados, nos quais impera o capital financeiro, limitou as possibilidades de que a educação seja fonte de emprego em larga escala. A disseminação de investimentos especulativos e do trabalho improdutivo definiu um novo padrão para o ensino, que está, desta feita, colado em tendências do capital financeiro. Nesse diapasão, proliferaram cursos prescritivos, nutridos pela lógica das competências exigidas pela economia de mercado; dentre elas, podemos elencar as especializações em administração de finanças e de empresas por intermédio da educação a distância.

Grosso modo, a educação acompanhou a tendência de expansão da economia de mercado. O capitalismo generalizou a produção de mercadorias, transformando a educação numa delas. Essa tendência não é irrefutável, nem irreversível. Portanto, deve ser identificada, analisada e superada criticamente.

A educação a distância, ao incorporar novos implementos técnicos, acelerou e aprofundou essa tendência. Contudo, essa modalidade de educação reveste-se de aspectos controversos. Quando empregada por políticas sociais, pode ampliar e melhorar a educação pública; porém, promoveu ações

supletivas e compensatórias. Apropriada por redes de ensino privadas, propiciou altas taxas de lucro por meio do ensino de elite e do treinamento corporativo. Essas digressões são características da educação mercantilizada. Dotada de elevado valor simbólico e carente de substrato humanístico, a educação despoja-se de sua virtualidade socializadora. Nesse viés, a educação a distância restaura antigas clivagens educacionais e sociais.

A deterioração social e o deslocamento de atividades competitivas para patamares econômicos mais elevados, nos quais impera o capital financeiro, limitou as possibilidades de que a educação seja fonte de emprego em larga escala.

EDUCAÇÃO E CONCENTRAÇÃO ECONÔMICA

A apologia do ensino a distância é similar à disseminação da idéia de que o desenvolvimento técnico-científico será capaz de superar disparidades sociais. Historicamente, essa suposição não se confirmou. A difusão desigual de novas tecnologias aumentou descompassos socioeconômicos. Ampliou o fosso que separa continentes, países centrais e periféricos, regiões e bairros de uma mesma nação. A concentração de riquezas, bem como do estoque de tecnologias e de bens materiais, acentuou a distância entre ricos e pobres em todos os quadrantes, seja entre as nações mais prósperas, seja entre as mais carentes de recursos. Reportando-se à recente matéria da revista

adquirido por R\$ 250,00 e que será distribuído entre um milhão de estudantes de escolas públicas a partir de 2006. A proposta prevê a distribuição para todos os alunos da rede pública até 2010. Atualmente, há cerca de 40 milhões de alunos matriculados no ensino fundamental. Essa proposição, celebrada por governantes e professores, tende a decalcar um método de intervenção educacional sem correspondência com a realidade social.

Identificamos alguns de seus rudimentos na experiência desenvolvida em Nova Iorque. No final da década de 1990, a secretaria de educação de Nova Iorque entregou vários *laptops* para crianças matriculadas em escolas públicas de bairros pobres. Os resultados dessa iniciativa foram significativos. Não só as crianças, como também seus pais sentiram-se mais motivados para estudar. Pessoas adultas, com baixa escolaridade, viram-se compelidas a aprender. Estimuladas pelos filhos, resgatavam conhecimentos fornecidos pela educação escolar e aprendiam a manusear esse novo equipamento. Ao desenvolverem essa aptidão, superavam barreiras técnicas. Rompiam, também, resistências e preconceitos típicos da baixa escolaridade.

A iniciativa educacional deflagrada nas escolas novaiorquinas penetrou o núcleo familiar. Produziu estímulos e desdobramentos positivos. A ação dos pais não se limitou ao exercício do ensino/aprendizagem. Buscando proteger seus filhos de furtos, passaram a acompanhá-los até a escola, vivenciando alguns de seus problemas e integrando-se a algumas de suas rotinas.

Contudo, seria ilusório supor que esses resultados se reproduzissem em escolas

brasileiras, principalmente em áreas rurais ou comunidades favelizadas sem fontes de suprimento de energia e serviços básicos. Porém, projetos dessa natureza não são novidades no Brasil. Causaram grande impacto publicitário e poucos resultados plausíveis.

Durante o governo FHC, a educação converteu-se em veículo de promoção política, capitalizando indicadores quantitativos sem lastro pedagógico. Lamentavelmente, essa estratégia ainda não foi revertida.

EDUCAÇÃO E MODERNIZAÇÃO CONSERVADORA

O Ministro Paulo Renato de Souza alardeou a cobertura de matrículas de 97% das crianças em idade escolar no ensino fundamental e fez propaganda da difusão tecnológica no campo educacional. No entanto, a qualidade da educação mostrou-se pífia. Não resistiu à avaliação criteriosa. Há grandes contingentes de alunos que, após cinco anos de estudo, não sabem ler e realizar operações matemáticas. Políticas educacionais foram subvertidas pelo *marketing* político. Durante o governo FHC, a educação converteu-se em veículo de promoção política, capitalizando indicadores quantitativos sem lastro pedagógico. Lamentavelmente, essa estratégia ainda não foi revertida. A drástica imagem da modernização conservadora que ainda se faz presente no cená-

